

Editorial

A *démarche* de orientação psicanalítica na formação de professores, educadores e formadores: cenários de pesquisa e intervenção

Rinaldo Voltolini; Maria Cristina Kupfer

Qual lugar para a psicanálise no campo da formação de professores e de formadores? O que confere a especificidade de sua presença teórica e prática neste campo? Que efeitos, podemos esperar de suas possíveis intervenções? Questões importantes que hoje em dia podem ser colocadas e discutidas graças à iniciativa e à consistência do trabalho de pesquisadores clínicos de orientação psicanalítica que se dedicaram a explorar um campo novo. Campo que, para ser fundado como tal e estabelecer sua especificidade, precisou, em primeiro lugar, separar-se da apropriação que o discurso pedagógico fez da psicanálise tomando-a, contra sua própria vocação, como uma teoria geral do psiquismo humano, supostamente capaz de fornecer recursos conceituais e técnicos ao professor para uma melhor mestria em sua prática.

Este movimento de apropriação discursiva feito pela pedagogia não apenas comprometia a validade dos conceitos psicanalíticos, que transpassados de seu habitat, originalmente clínico, para a sala de aula se viam distorcidos, como, também, impedia a psicanálise de se colocar no campo educativo com sua assinatura própria, resguardando a especificidade e abrangência de seu campo conceitual.

Certa oscilação do próprio Freud com relação à pertinência da psicanálise no campo da formação de professores teria fornecido o ponto de partida e o esteio para esta apropriação. Quando coube ao fundador da psicanálise posicionar-se sobre a matéria, o vimos oscilar entre duas posições distintas, não necessariamente excludentes: Primeiro pensou que os professores, e educadores em geral, poderiam instruir-se da compreensão aberta pelos conceitos psicanalíticos sobre o desenvolvimento psíquico das crianças para refletir e calibrar melhor suas decisões e ações educativas. Posição que se inscreve comodamente no campo da didática, campo da *mestria* da ação educativa. Nestes termos, o professor é destacado como desempenhando um *papel* na cena educativa e como ator de uma *ação educativa*.

* Professor associado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: rvoltolini@usp.br

** Professora titular sênior, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: mckupfer@usp.br

Em seguida, movido pelo que aprendeu com as discussões sobre a transferência e a contratransferência – dinâmica que não é exclusiva da relação analista-analisante, mas é igualmente válida para pensar a relação professor-aluno - vai se dando conta dos limites desta mestria. Na cena com seus alunos, um professor não é apenas um regulador de sua ação, mas, também, tem sua ação regulada pelos efeitos subjetivos que o encontro com os alunos gera nele. Nestes novos termos, não é mais o *papel* do professor que está no centro da discussão, mas sua *posição*, e sua intervenção não é mais pensada sob os parâmetros restritos de uma ação – planejada e executada - mas, sobretudo, como *ato educativo*. A partir desta ponderação, Freud chegou a sugerir análise aos professores, lugar onde poderiam sanear o impacto de suas questões inconscientes em sua prática educativa.

Atentos aos *limites técnicos* da primeira posição – limites que não são senão aqueles próprios aos limites da capacidade de mestria do Eu sobre a dinâmica pulsional inconsciente - mas atentos, também, aos *limites éticos* da segunda – afinal, é contraditório à própria psicanálise prescrever uma análise, mesmo que por razões de responsabilidade profissional – os psicanalistas-pesquisadores do campo da formação docente se viram frente à tarefa de pensar uma ética e uma técnica de intervenção clínica neste campo.

A ênfase naquilo que corretamente se chamou de *situação de ensino* vem marcar o terreno próprio da pesquisa e da intervenção clínicas na formação docente. O termo situação vem sublinhar a existência inegável de um tempo – tempo do ato educativo – que não é da ordem de *Chronos*, tempo calculado, subordinado ao relógio, mas da ordem de *Kairós*, tempo vivido. O termo situação, também, sublinha a singularidade deste tempo que serve para situar os lados em questão.

Ainda que o esforço de mestria do professor sobre seu ato faça parte importante do trabalho docente é enquanto sujeito dividido, mais do que enquanto mestre de sua posição, que o professor se posiciona. Enquanto a reflexão pedagógica considera, em geral, a *relação professor-aluno*, a psicanálise convida a pensar esta última como um *laço professor-seu-aluno*. Entendendo o *seu* não como pronome possessivo, mas como a partícula que sublinha a existência de um campo transferencial que envolve intersubjetivamente os lados em questão.

Vemos produzir neste momento um deslocamento teórico e ético importante, com efeitos significativos para o próprio campo teórico da formação docente. Campo que se vê, normalmente, dominado por dois paradigmas: um primeiro, modelo da *evidence based practices*, que postula um professor capaz de seguir o bom modelo de trabalho, revelado, enquanto tal, pela confirmação estatística, típica da pesquisa experimental; um segundo, *reflexives practices*, concebido a partir da potencialidade da reflexão da prática educativa, que postula um professor capaz de refletir sobre sua prática, articulando elementos teóricos a uma prática interrogada criticamente de modo constante.

Em que pese a diferença que opõe estes dois paradigmas é interessante constatar entre eles a existência de um denominador comum: ambos apostam na capacidade ampla de mestria do professor. Caberia à abordagem clínica psicanalítica problematizar e relativizar a amplitude desta capacidade de mestria, colocando o acento neste sujeito dividido que assim comparece na situação de ensino dando a esta última seu modo próprio de instabilidade e indecisão.

Partindo destas noções centrais de sujeito dividido e de ato educativo, a abordagem clínica psicanalítica na formação docente caminhou delimitando os contornos de seu campo e de sua intervenção. Tarefa que implica levar em consideração uma série de questões: em quais bases científicas esta pesquisa se estabelece? Quais questões, do ponto de vista clínico, devem ser

levadas em conta para o estabelecimento de uma clínica centrada no laço profissional? Que fatores institucionais e políticos, uma clínica como esta implica?

Respeitando a complexidade deste campo e os desafios teóricos, clínicos e políticos que ele representa, este dossiê reúne seis artigos escritos por pesquisadores brasileiros, argentinos e franceses, visando cotejar o que a experiência conduzida por eles na formação de professores trouxe como reflexão. A opção por estes três países advém do fato de que reconhecemos neles: (1) uma reflexão consequente sobre o campo da formação de professores a partir da psicanálise; (2) uma experiência clínica consistente capaz de dar lastro a uma interrogação sobre o funcionamento deste dispositivo de trabalho; (3) a presença de tradições distintas que vão compor dispositivos de trabalho distintos, fruto dos contextos culturais particulares a cada país e ao destino que a psicanálise tomou em cada um deles.

Deste modo acreditamos apresentar aos leitores interessados no tema um material rico e consistente do ponto de vista teórico-clínico, representativo das realidades culturais distintas e fecundamente contrastante quanto à diversidade de posições psicanalíticas que ele reflete. Enfim, uma boa demonstração do que pode a psicanálise no campo da formação de professores.